



e o grande cientista brasileiro Carlos Chagas, que esteve em Roraima para avaliar as condições sanitárias.

Merece destaque a visita de Hamilton Rice, entre 1924 e 1925. Rice era membro da *American Geographical Society*, e, junto à Universidade de

Harvard, organizou a primeira expedição ao rio Branco feita num avião, do qual foi tirada a primeira fotografia aérea de Boa Vista. O relato do explorador foi publicado com o título de *Exploração na Guiana Brasileira*. Junto com Rice veio o brasileiro Silvino Santos, que fez um filme de 20 minutos com o título de *Em busca do Eldorado*, editado pela BBC inglesa.

O único brasileiro que recebeu título de nobreza portuguesa com topônimo da região do rio Branco foi o coronel Francisco Xavier Lopes de Araújo, que ficou conhecido como Barão de Parima. Ele esteve em Roraima com a Comissão Demarcadora de Limites com a Venezuela. Também o Marechal Rondon esteve em Roraima a serviço dessa comissão. Ele percorreu diversas malocas indígenas e subiu o Monte Roraima, onde colocou um marco na tríplice fronteira entre o Brasil, a Venezuela e a Guiana. Com Rondon veio o alemão Phillip Freiherr Von Luetzelburg, que aproveitou a expedição para coletar exemplares da fauna regional.

Vale citar ainda Harald Sioli, limnólogo alemão, que em 1951, visitou e coletou dados referentes à química e à física dos rios Branco e Cauamé e dos igarapés do Caxangá, da Mecejana e do Frasco. Sioli ingressou nos quadros do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (INPA) em Manaus e contribuiu significativamente para o desenvolvimento científico da região. Outro nome importante é o de Al-

OUTRAS EXPEDIÇÕES

Além das expedições científicas, houve em Roraima várias expedições religiosas, como por exemplo as realizadas pelos padres Ildefonso Deigendesch e Alcuino Meyer, alemães que, nas décadas de 1930 e 1940, percorreram a pé a bacia do alto rio Branco até o Monte Roraima, visitando cada maloca que encontravam. Seus relatos não apenas de ordem religiosa, colaboram com a ciência ao descreverem, por exemplo, a ocorrência de minérios radioativos e bauxita na região do Quinô e até lençóis de petróleo nos rios Mucajá e Catrimani.

cialista, P. S. Peberdy, também interessado na avifauna do rio Branco.

Antônio Teixeira Guerra, geógrafo brasileiro, esteve em Roraima em 1951, escreveu o livro *Estudo geográfico do território do rio Branco*, em que descreve o clima, a vegetação, o modo de ocupação da terra etc.



berto Pinkus, colecionador profissional, que percorreu as cabeceiras do rio Cotingo até o Monte Roraima, acompanhado de outro espe-

cialista estrangeiros continuaram visitando o vale do rio Branco. O botânico norte-americano Basset Maguire, em 1954, visitou a serra do Tepequém e o rio Cotingo. Masayuki Takeuchi, botânico da Universidade de Tóquio e pesquisador do INPA, descreveu os campos naturais de Roraima (lavrados) e andou pelos rios Uraricoera, Tacutu e Branco. William Phelps, ornitólogo, percorreu as proximidades da serra do Sol e descreveu 49 novas espécies de aves que habitam a tríplice fronteira. Enrique Forero, do *New York Botanical Garden*, em 1967, esteve no Monte Roraima interessado na sua botânica. Ghillen Prance, em 1969, como pesquisador ligado ao INPA, percorreu muitas localidades em Roraima como as serras da Lua, Surucucus, Tepequém, Auaris, e os rios Branco, Mucajá, Apiaú e Uraricoera. Seu interesse era a teoria dos refúgios florestais. Francis Ruellan, professor da Universidade de Paris, esteve a serviço do INPA no rio Branco entre 1954 e 1955, com o propósito de estudar a geomorfologia para melhor compreender as paisagens locais. André Aubréville, botânico francês ligado ao INPA, percorreu a região do Taiano. William Rodrigues percorreu Boa Vista, Normandia, Pedra Branca e Maturuca além dos rios Cotingo, Uailá e Surumu, coletando material para o herbário do INPA.

Em 1957, outra expedição especializada em geomorfologia foi empreendida em Roraima sob a chefia de Aída Ostroff Ferreira de Barros, que realizou

diversos estudos do gênero na bacia hidrográfica dos rios Cotingo e Surumu.

Outros brasileiros lá estiveram, como Otávio Barbosa e José Raimundo de Andrade Ramos, ambos geólogos, que percorreram parte da bacia do rio Branco, entre 1955 e 1956, com o objetivo de promover um reconhecimento mais detalhado da região, como subsídio ao planejamento da então recém-criada Superintendência do Plano de Valorização Econômica da Amazônia (SPVEA), com sede em Belém do Pará. Cory Carvalho, a serviço do Museu Emílio Goeldi, de Belém do Pará, veio com o propósito de coletar dados da fauna de mamíferos.





FAUNA DE RORAIMA

Dos estados da Amazônia, Roraima é o que reúne o maior número de ecossistemas da região, bem como os maiores contrastes: floresta tropical de terra firme, pântanos, matas de várzea, várzeas de campos, campinaranas, cerrados, campos de encosta e de altitude. Entretanto, são escassos os estudos e levantamentos de fauna. Os esforços têm-se concentrado, principalmente, nos arredores de Boa Vista, nas terras indígenas Yanomami e na ilha de Maracá (Estação Ecológica). No caso de Roraima, o isolamento relativo até a segunda metade da década de 1970, quando foi concluída a BR-174 e ocorreu o incentivo federal às frentes de colonização em direção a outros estados amazônicos, apenas adiou uma interferência mais efetiva nos ecossistemas locais. Isto auxiliou, temporariamente, a preservação de áreas naturais, mas não se refletiu na manutenção do conhecimento sobre a fauna regional.

A partir do final dos anos 1970, com o lento redirecionamento das levadas de migração, nitidamente associadas à expansão das atividades garimpeiras, foram criadas várias vilas e corredores nas paisagens locais, o que provocou uma intensificação na caça de animais (destacadamente de mamíferos) e o início de um processo mais forte de transformação do ambiente. Com isso, é provável que várias espécies de vertebrados terrestres tenham se afastado.

Cobra-verde



Iguana

Os Répteis em Roraima

COBRA-CIPÓ (*Ilysis scytale*) É muito delgada e comprida. Daí a origem de seu nome. Cor parda, fazendo com que não seja facilmente distinguida no cerrado, onde se oculta. Da família dos cabebrídeos (*Chironius sex-carinatus*), também é conhecida por sacaimbóia. Entre as variedades, destaca para a cobra-cipó-falsa, um ofídio não venenoso, que freqüente os igarapés, de cor vermelha com anéis amarelo e preto.

COBRA-CORAL-VERDADEIRA

Ofídio venenoso da família dos colubrídeos, gênero *micrurus*, com várias espécies. Cabeça larga em losango, anéis pretos, verdes-claro e vermelhos alternando sobre o corpo. Mede de 60 a 80 cm e tem a boca pequena com dentes venenosos igualmente pequenos (3 mm). Corpo de forma cilíndrica e de igual grossura até a cauda. Seu veneno é muito ativo, mas são pouco agressivas.

COBRA-CORAL-VERMELHA

Espécie venenosa, chega a 80 cm de comprimento, tem coloração vermelhovoivo e é ornada de 25 a 27

anéis pretos, bordados em uma linha branco-azulada. A cabeça é preta, com listras azuis atrás dos olhos.

JACARÉ-AÇU

Réptil da família dos crocodilídeos (*Caiman niger*), é o maior dos jacarés: chega a medir até 6 m de comprimento. Longa e larga cabeça, focinho curto, enorme goela, pernas pequenas, cauda com duas cristas. Cor escura, amarelando no ventre. Não tem carne comestível, mas seu couro tem elevado valor comercial. Habita os igapós e águas paradas, lodosas, geralmente repletas de plantas aquáticas. Também é conhecido por aruá, arurão e jacaré-uma.

JACARÉ-CURUA

Encontrado com mais freqüência nos paranás e pequenos afluentes do grande rio. Seu tamanho varia de 1,5 a 2 m de comprimento. Possui carne comestível. Da família dos crocodilídeos (*Jacaretinga trigonatus*), também é conhecido por jacaré-coroa e jacaré-curulana.

JARARACA

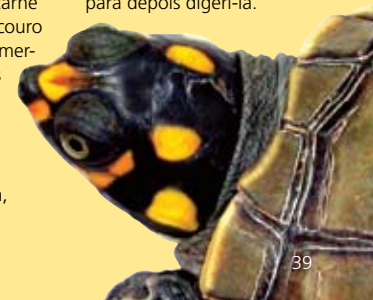
Cobra venenosa da família dos crotalídeos (*Bothrops jararaca*). Com a cabeça triangular, seu corpo mede entre 1 a 1,5 m. Sua cor é variável. Vive perto da água, principalmente na várzea de rios e lagos.

JIBÓIA

Cobra ovípara da família dos boídeos (*Constrictor constrictor* ou *Boa constrictor*). Habitante das matas e dos campos, alimenta-se de animais de pequeno porte, engolindo-os depois de esmagá-los. Chega a medir 4 m de comprimento, não sendo raro encontrá-la em uma casa, criada ali para eliminar ratos e morcegos. Tem cor de chocolate, com manchas cinza-amareladas.

SUCURI

Maior de todas as cobras brasileiras, a *Eunectes murinus* chega a 6 m. Vivem nos chavascais, rios e igarapés. Não é peçonhenta; quando caça, se enrosca à presa e fratura seus ossos, para depois digeri-la.





AVIFAUNA

Roraima registra uma rica e variada avifauna, composta por pouco mais de 650 espécies. Mas nem todas elas habitam o Estado, pois um número relativamente grande (45 espécies) está representado por espécies migratórias. Na atualidade, sabe-se muito pouco sobre o número de indivíduos migrantes e as rotas migratórias, tanto no Estado como na totalidade da região amazônica.

Nos levantamentos de campo efetuados nos arredores de Boa Vista, foram registradas 215 espécies, sendo 24 delas migratórias. Entre elas, foram registradas 9 espécies provenientes da América do Norte (migrantes neárticas); 6 provenientes do extremo da América do Sul (migrantes austrais) e 5 espécies que podem ser consideradas como migrantes neárticas parciais (espécies com populações residentes na América do Sul, mas cujas populações da América do Norte migram para o hemisfério sul durante o inverno boreal). Finalmente, outras 3 espécies possuem populações migrantes neárticas parciais e migrantes austrais parciais.

Muitas das aves migratórias (especialmente maçaricos e batuíras) costumam utilizar os mesmos locais de pouso ano após ano, como locais de reabastecimento. Nesses lugares — geralmente lagos, praias de rios, pântanos e lagoas — as aves podem passar até semanas inteiras alimentando-se para, depois, continuar com suas longas jornadas migratórias. É importante lembrar que muitas das aves provenientes do hemisfério norte estão apenas de passagem pela Amazônia, e seu destino final será a Patagônia, na costa argentina.

A diversidade de aves que ocorre em Roraima, que serve de alimentação a índios e cablocos, é, sem dúvida, uma alternativa na dieta. É no mundo das aves que o indígena e o ribeirinho encontram alimentação variada e altamente nutritiva.

OUTRAS AVES

Assim como as aves tradicionalmente de caça pelos indígenas e ribeirinhos, há outras espécies não comestíveis que fazem parte dessa diversidade.

São aves que vivem na natureza, predadoras de insetos ou para ser domesticadas. São elas: anum, corujas, galo-da-campina, garça, urubu, gavião, colhereiro, tucano, arara etc.

Coruja-buraqueira



Jandaia



As Aves em Roraima

CUJUBIM OU JACUTINGA

(*Pipile jacutinga*). A cor é negra, com penas brancas e esparsas pelas coberturas e nas pontas das asas.

CURICACA

(*Theristicus caudatus*). Facilmente encontrada nos lavrados e pântanos, emite sons agudos, que são ouvidos à boa distância.

INHAMBU

(*Crypturellus cinereus*). São 14 as espécies brasileiras, e as da Amazônia fazem parte da dieta dos índios e dos ribeirinhos.

JACAMIM

(*Psophia viridis*). Encontrada na mata, apresenta bela plumagem. É comum, em algumas fazendas de Roraima, encontrá-lo domesticado, adotando ninhadas de pintinhos.

JACU

(*Penelope ochrogaster*). Aves encontradas nas matas. Emite sons agudos quando acuados, mas são presas fáceis em armadilhas.

MUTUM

(*Crax fasciolata*). Vivem na mata em pequenos grupos e são domesticáveis.

PATO-DO-MATO

(*Cairina moschata*). Igualmente às marrecas, é outra caça muito procurada por sua carne. Quando preparado em condimentos regionais, como o jambu, é acrescentado o tucupi, tornando a iguaria um dos pratos mais concorridos pelo sabor exótico e propriedades consideradas afrodisíacas.

PICASSU

(*Tupi pykasú*). Mais conhecido como pomba-galega, é ave de bando e tão numerosa que transforma sua aparição num espetáculo. São abatidas facilmente, justamente quando rareiam as pescarias, e assim amenizam a fome dos moradores das pequenas vilas no interior.

POMBA-TROCAZ

(*Patagioenas picazuro*). Popularmente chamada de pada-pada. No interior, essa é a espécie que mais se caça, e os bandos, quando estão sobre as fruteiras, não se assustam com a presença do homem.



Tuiuiu



Tamanduá-bandeira

ESPÉCIES AMEAÇADAS

Algumas espécies locais estão seriamente ameaçadas de extinção. É o caso do veado-galheiro (*Odocoileus virginianus*) e do tatu-canastra (*Prionotus maximus*), este um animal raro e de biologia ainda pouco conhecida. Entre os felinos, foram registrados, na região do Baixo Rio Branco, a onça-parda (*Puma concolor*) e a onça-pintada (*Panthera onca*). Também foram observados o gato mourisco (*Herpailaurus yagouaroundi*), a lontra (*Lontra longicaudis*) e a ariranha (*Pteronura brasiliensis*).

MAMÍFEROS

Os primatas constituem o grupo faunístico sobre o qual existe maior número de informações. No total, são 9 gêneros, englobando 11 espécies de primatas, com diversidade máxima local de 5 espécies, número pequeno quando comparado às comunidades da Amazônia Ocidental, que apresentam até 13 espécies.

O rio Branco, que representa o maior curso fluvial de Roraima, funciona como barreira geográfica para algumas espécies. Entre os mamíferos, os roedores constituem o grupo mais diversificado (número de espécies), sendo que, na Amazônia brasileira, eles têm sido pouco estudados e o conhecimento sobre os limites de sua distribuição ainda é bastante restrito. Em Roraima, observam-se diversos gêneros de roedores de pastos (*Sigmodon*, *Zygodontomys*), assim como alguns ratos e esquilos de distribuição restrita ao norte da Amazônia (*Oryzomys fulvescens*, *Neacomys guianaeae*, *Sciurillus pusillus* e *S. spadiceus*).

Parte dessa fauna também é formada por alguns carnívoros (pequenos felídeos e canídeos) e dentados, que ocorrem localmente em baixa densidade e que, normalmente, não figuram nos inventários. Entre eles, podem ser citados o guaxinim (*Procyon cancrivorus*) e o tatuí (*Cabassous unicinctus*).

Os Mamíferos em Roraima

ARIRANHA

(*Pteronura brasiliensis*). Animal de pelagem muito bonita adaptado para viver na água. Encontrada nos igarapés e lagos, sua pele é muito cobiçada por caçadores. A caça está proibida.

GOGO-DE-SOLA

(*Bassariocyon gabbi*). Macaco temperamental, arisco e às vezes perigoso. Vive no alto das árvores e tem hábitos noturnos. Quando em situação de perigo, ataca o homem pulando no poçoço, para morder a jugular.

GUARIBA

(*Alouatta fusca clamitans*). Muito encontrado na floresta, de longe podem ser ouvidos seus uivos e rosnares. Em maioria, são castanho-avermelhados e vivem em bandos nas árvores e buritizais e também à beira de igarapés e lagos. São animais corpulentos e de pelagem espessa.

JAGUATIRICA

(*Leopardus pardalis*). Encontrada nas matas, mede cerca de 80 cm de comprimento. É extremamente ágil e ativa, principalmente à noite, quando sai para caçar aves e pequenos mamíferos.

LONTRA

(*Lontra longicaudis*). Carnívoro da família dos mustelídeos (*Lutra paraensis*). Mede cerca de 70 cm de comprimento (com 30 cm de cauda). Tem cor pardo-cinza, amarelado no ventre. Vem à tona para comer e dormir, passando o resto do tempo nos rios, onde pesca e apanha aves.

MACACO-ARANHA

(*Brachyteles arachnoides*). Ultrapassa um metro de comprimento porque tem membros e cauda compridos. Há cerca de dez espécies que se adaptam também ao cativeiro. A cara do macaco-aranha parece a de um velho, mas é jovial e cômico, comportamento adequado a seu corpo desengonçado.

MACACO-DE-CHEIRO

(*Saguinus sciureus*). Pequeno macaco de pêlo curto e cauda comprida, da família dos cebídeos (*Saimiri Sciurea*). Muito gracioso, domestica-se com facilidade e apegam-se às pessoas. As costas são quase amarelas, enquanto o focinho e a ponta da cauda, pretos. Alimenta-se de frutos e insetos e vive em bandos.

MACACO-PREGO

(*Cebus apella*). Com cerca de 50 cm de altura e diversas espécies, vive em ambas as margens do Amazonas. Geralmente, o prego possui cabeça arredondada e membros bem proporcionados. Seu pêlo é castanho-escuro ou castanho-avermelhado e a barba é escura. Vive em bandos e arrasa os roçados. É domesticável, mas quase insuportável devidos às travessuras.

MUCURA

(*Didelphis marsupialis*). Pequeno mamífero também conhecido por gambá. Há quatro espécies no País, duas delas na Amazônia: *Didelphis aurita* e *D. marsupialis*. Tem entre 70 e 90 cm de comprimento, cabendo metade à cauda, que é escamosa.

ONÇA

(*Panthera onca*). Maior representante dos felinos, pode pesar cerca de 100 kg e atingir até 1,50 metro. Os caçadores distinguem duas variedades: a gangüçu, um pouco menor e de cabeça mais grossa, e a onça-preta, de coloração escura. Escala em árvores com a mesma facilidade que atravessa um rio. Se alimenta de mamíferos, como porco-do-mato, capivara e veado.

PACA

(*Agouti paca*). Procura seus alimentos de noite e durante o dia oculta-se em buracos de árvores ou pequenas covas que faz no solo. O roedor não tem cauda e mede cerca de 70 cm. Um dos pratos típicos de Roraima é a paca no tucupi, preparado da mesma forma que o famoso pato no tucupi, no Pará.

PORCO-ESPINHO

(*Erethizon dorsatum*). Esse roedor tem os pêlos transformados em grossos espinhos. Embora esses espinhos possam ser facilmente arrancados, não podem ser lançados contra os predadores. Contudo, quando quer advertir os inimigos potenciais, o animal assume uma atitude de ataque, que consiste em sacudir os espinhos.

PREGUIÇA

(*Bradypus tridactylus*). Mamífero nativo das matas, vive praticamente nas árvores e alimenta-se de folhas; prefere ocupar os galhos mais altos.

PORCO-DO-MATO

(*Tayassu pecari*). Caça muito apreciada pela ótima qualidade de sua carne. Na mata, os animais andam em bandos e são muito ariscos. Da mesma espécie é o caiteú.

ONÇA-PARDA

(*Felis concolor*). Também conhecida como suçuarana, sua cor é amarela-avermelhada. Caça quase sempre à noite, atacando outros mamíferos de menor porte.

TAMANDUÁ-BANDEIRA

(*Myrmecophaga tridactyla*). Mamífero desdentado de língua comprida e pegajosa, que utilizada para capturar cupins e formigas. A língua é estreita, mede cerca de 30 cm. Animal típico do Cerrado, muito comum em Roraima, tem mais de dois metros de comprimento, sendo a cauda bastante longa. Quando caminha, vira as garras para dentro. Não é raro deparar-se com o bandeira caminhando pelo lavrado.

VEADO-CAMPEIRO

(*Ozotocerus bezoarticus*). Da família cervídea, diferencia-se em dois grupos: com galhadas desenvolvidas (*Odocoileus virginianus*) e os campeiros. Devido à perseguição de caçadores, é encontrado em baixo número, pois sua carne é muito apreciada. Alimentam-se de gramináceas e leguminosas.

FLORA DE RORAIMA

Palmeiras Nativas

As maiores concentrações ocorrem nas matas. No Lavrado, destaca-se apenas o buriti, encontrado sempre às margens de igarapés e lagos.

AÇAI

Palmeira que dá fruto o ano todo, principalmente em maio. O palmito é de boa qualidade.

BACABA

Da família das palmáceas, seus frutos são maiores que o açaí. Prepara-se com eles uma bebida muito nutritiva, parecida com chocolate. Seu palmito é excelente.

BURITI

Da família das palmáceas, seus frutos formam volumosos cachos. Da polpa do fruto amarelado faz-se um saboroso vinho e doces muito apreciados.

INAJÁ

Dela se aproveita apenas um volumoso palmito, com sabor levemente adocicado.

MUCAJÁ

Fruto arredondado de cor verde-clara, com polpa amarelo-pálido, de que se extrai uma gordura branca comestível.

PUPUNHA

O fruto, quando cozido, tem gosto agradável e muito nutritivo. Há cinco variedades da espécie.

TUCUMÃ

Palmácea cujos frutos amadurecem de fevereiro a junho. Comestível e muito apreciada.

URUCURI

O caroço do fruto é coberto por uma camada amarelada comestível.



Ninfêia

ABIO

Da família das sapotáceas, fruta de sabor doce e muito usada em sucos.

AMENDOIM

Leguminosa indígena cultivada e rica em proteínas.

ARAÇÁ

Faz parte da família das mirtáceas. Nativa do lavrado, serve de alimento às aves e dá um excelente refresco.

CACAU

Fruto com forma de pepino e polpa doce; das sementes fabrica-se chocolate de excelente sabor. Planta nativa.

CASTANHA-DO-BRASIL

Árvore nativa de grande porte, endêmica na Amazônia. O fruto permanece no interior de ouriços que, quando amadurecidos, despençam das árvores. São saborosos e de alto valor nutritivo.

CUPUAÇU

Fruto saboroso de aroma agradável. Faz-se suco de sua polpa e excelentes sorvetes.

INGÁ

Leguminosa cujas vagens apresentam caroços de sabor adocicado. Planta nativa.

INHAME

Rizomas tuberculares, comestíveis após cocção, muito apreciados pelos nativos.

JENIAPAO-DO-CAMPO

Faz-se um excelente licor dessa planta nativa da família das rubiáceas.

CAMU-CAMU

Fruta uma vez e meia mais rica em vitamina C do que a acerola. A polpa é um dos principais ingredientes da culinária local.

MANDIOCA

Tubérculo que ralado serve para fazer uma farinha que faz parte da culinária regional.

MANGUEIRA

Apresenta-se em várias espécies, com frutos de cores e tamanhos diversos. A de menor tamanho é a manguita, extremamente adocicada; a maior é a coité, com grande massa de polpa, que chega a pesar até 1,6 kg.

MARI-MARI

Leguminosa nativa cujo fruto, uma vagem comprida de 80 cm, é comestível e apreciado pelo gado.

MURICI-DO-CAMPO

Planta nativa da família das malpighiáceas, seus frutos são comestíveis, de sabor agridoce e com propriedades laxativas.

PITOMBA

O anilo das sementes é muito doce e bastante apreciado.

TAPEREBA

Anacardiáceas cujos frutos desenvolvem-se em cachos amarelos e têm polpa bastante aromática. Come-se crua essa planta nativa.

A diversidade de frutos da flora amazônica também marca presença em Roraima, e encontra-se tanto no lavrado como na mata. Algumas espécies não nativas também se adaptaram à região e são cultivadas com sucesso e já incorporadas aos hábitos alimentares do roraimense. São raízes, bulbos, sementes e tubérculos comestíveis ou de aplicação medicinal.

FAVAS E FOLHAS

FAVAS E FEIJÕES: chamados de “fevura” e “jaraboá” pelos índios, os feijões são bastante cultivados em suas roças, misturados a outras espécies vegetais.

CARURU OU CARIRU: suas folhas são incorporadas a cozidos ou carnes de caça.

JAMBU: arbusto muito empregado como condimento e incorporado ao tucupi no preparo do pato no tucupi e no tacacá.

Sabor de Pimenta

Usadas em diversos pratos da culinária regional, os índios as utilizam no preparo de uma comida bastante apimentada, a damorida, feita à base de peixe cozido em tucupi ou com qualquer outro tipo de caça.

PIMENTA-CHUMBINHO

De cor acinzentada, seu tamanho equipara-se ao de um chumbo grosso.

PIMENTA-DE-CHEIRO

Bem alongada, amarela ou verde, é aromática.

PIMENTA-MALAGUETA

Fruto vermelho-vivo quando maduro, é a mais usada como condimento.

PIMENTA-MURUPI

Com tamanho de 4 a 5 cm, apresenta-se nas cores verde-clara e amarela. Tem sabor bastante peculiar.

PIMENTA-OLHO-DE-PEIXE

Pequena e arredondada, pode ser vermelha ou amarela.

PIMENTA-ROSA

Pequena de cor rósea e sabor intenso.

PIMENTA-ROXA

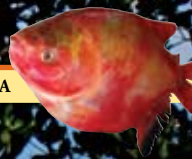
Vermelha quando completamente madura e mais alongada do que a de cheiro.

ESPÉCIES MADEIREIRAS

Como em toda a Amazônia, a extração de madeira em Roraima, durante a década de 1990, foi crescente. No período de 1997 a 1999, registrou-se um crescimento aproximado de 55% na produção oficial, passando-se de 17.000 m³ para cerca de 26.500 m³ de madeira extraída, incluindo diversas espécies nobres. Entre as espécies mais consumidas, podem ser citadas: angelim (*Hymenolobium petraeum*), andiroba (*Carapa guianensis*), amapá (*Brosimum potabile*), caferana (*Dendrobrangia boliviana*), cedro (*Cedrela odorata*), cupiúba (*Goupia glabra*), freijó (*Cárdia goeldiana*), itaúba (*Mezilnras itauba*), louro (*Ocotea sp.*), marupá (*Simaruba amara*), maçaranduba (*Manilkara huberi*), matamatá (*Eschweillera sp.*), piquiá (*Caryocar villosum*), sucupira (*Diploptropis purpúrea*) e ucuuba (*Virola spp.*).

Um dos fatores que permitiu a expansão das atividades madeireiras em Roraima foi a autorização do Ibama, concedida em 1999, para a exploração de 46.000 m³ de madeira, distribuída por vários municípios, sendo beneficiados com os maiores percentuais os municípios de Cantá, Rorainópolis e Alto Alegre. Apesar do impulso proporcionado por essa autorização, regiões que não possuíam um potencial viável de recursos madeireiros logo entraram em colapso, por falta de matéria-prima, como é o caso dos entornos de Alto Alegre e Mucajai.





HIDROGRAFIA DE RORAIMA

A bacia do rio Branco, com 45.530 km², é sinônimo de Roraima. Nenhum outro Estado situado na bacia amazônica está definido hidrogeograficamente pelos limites de um sistema fluvial.

O rio Branco é formado pela união dos rios Uraricoera e Tacutu, a 30 km de Boa Vista, divide Roraima em duas

partes e é peça central de paisagens que variam de formações antigas a recentes. Sua bacia hidrográfica, que é, de fato, uma sub-bacia do rio Negro, é a principal da região. É cortado por duas pontes: uma em Boa Vista (ligando-a ao município de Cantá), a ponte dos Macuxi, ao norte, com cerca de 1.200 m de extensão, e por outra em Caracará, com aproximadamente 700 m de extensão.

No **rio Branco** há uma grande diversidade de habitats, incluindo planaltos erodidos, floresta tropical de planície, savanas, rios, lagos e igarapés. Apesar de ser o mais importante afluente do rio Negro, pouco se conhece sobre suas características bióticas e abióticas. No entanto, Roraima tem apresentado forte desenvolvimento nos setores ligados ao agronegócio, atividade com grande potencial de promover mudanças no meio ambiente aquático.

De maneira generalizada, o rio Branco está sob influência de um período de chuvas que vai de abril a setembro, e de uma temporada de seca, de outubro a março. Na estação das águas, o rio é facilmente navegável a partir do rio Negro até Caracará. Acima desta cidade, a navegação é dificultada pela presença de cachoeiras e corredeiras, sendo que de Boa Vista (cerca de 130 km de Caracará) até a junção dos rios Tacutu e Uraricoera é possível navegar durante o período das cheias.

HISTÓRIA

Pelo rio Branco chegaram os primeiros colonizadores portugueses a Roraima. Mas o vale que envolve o mais importante afluente do rio Negro (que, no encontro com o Solimões, forma o rio Amazonas) sempre foi cobiçado por ingleses e holandeses, através da Guiana, que por lá estiveram em busca de índios. O período de descoberta do rio Branco teve início em 1750 e se estendeu até meados do século 19.

Rio Branco e a Floresta

ALTO RIO BRANCO

É o segundo maior segmento, com 172 km. Começa na confluência dos rios Uraricoeira e Tacutu, passa por Boa Vista e termina na cachoeira do Bem-Querer. É bastante largo nesta região, porém pouco profundo, especialmente no período seco, época em que se evidencia um grande número de bancos ou ilhas de areia. Na cobertura vegetal predomina a savana e alguns trechos com palmeiras. Em quase toda sua extensão, o alto rio Branco é repleto de ambientes aquáticos de água clara,

e estes igarapés são denominados localmente de "água boa".

MÉDIO RIO BRANCO

É o menor segmento, com 24 km. Começa na cachoeira do Bem-Querer e segue até o povoado de Vista Alegre. É uma área de transição, com várias corredeiras, o que o torna inavergável por embarcações de grande porte. A vegetação também representa transição: uma mescla de vegetações existentes ao norte e ao sul do Estado, com predomínio de savanas, igarapés, buritizais e Floresta Amazônica.

BAIXO RIO BRANCO

Maior segmento, tem 388 km, partindo de Vista Alegre e cortando todo o centro-sul de Roraima até o encontro com o rio Negro. Este, por sua vez, após passar por Manaus, une-se ao Solimões e, então, passa a chamar-se rio Amazonas, o mais volumoso do mundo. O baixo rio Branco possui um ecossistema de floresta tropical rica em biodiversidade, com uma vegetação densa e abundante e exuberante fauna. Os habitantes dessa região fazem referências a muitos lagos situados nas partes altas dos principais

afluentes e igarapés, cujo acesso depende do período hidrológico, porque são formados pelas próprias águas destes sistemas (lagos de várzea). Entre eles, destaca-se o lago dos Reis, à margem direita do rio Branco, e lago Traçajá, à esquerda, formado pelas águas do igarapé de Curiucu. Outros lagos importantes são o Muçum, o Muau, o Mexedé e o do Quarena. O baixo rio Branco apresenta águas ácidas de superfície escura, nas quais vivem algumas das mais atraentes espécies de peixes para a pesca esportiva, como o cobiçado tucunaré.



Rio Branco

Principais Rios de Roraima:

Água Boa do Univini, Ailã, Ajarani, Alalaú, Anauá, Branco, Catrimari (ou Catrimani), Cauamé, Cotingo, Maú, Mucajá, Tacutu, Uraricoera, Urubu e Xerui.

BARCOS E EMBARCAÇÕES

Há diversas maneiras de conhecer a bacia do rio Branco. Uma das mais interessantes é navegar calmamente, admirando a amplitude dos rios ou percorrer o curso por meio de estreitos furos e igarapés, de onde se tem o privilégio de poder prestar atenção a cada detalhe da flora, das cascas de ribeirinhos, dos pássaros, dos peixes. Durante esses passeios pode-se ver um mosaico sem igual composto por ilhas, praias fluviais e florestas inundadas, onde a diversidade de fauna e flora proporciona espetáculos de grande beleza. No ritmo de um barco regional tem-se a sensação de que o tempo se confunde com o da floresta, distinto em essência do ritmo frenético das metrópoles.



ICTIOFAUNA DE RORAIMA



Em toda a extensão da bacia do rio Branco estima-se em 320 o número de espécies de peixes. Com farta variedade, entre os exemplares que vivem nas águas de Roraima estão: pacu, tucunaré, surubim, matrinxá, tambaqui, acará, mandí, cachorra, piranha, traíra, piraiabas e aruanã. Nas praias do baixo rio Branco ainda é possível encontrar tartarugas e tracajás. Vale lembrar ainda que a bacia do rio Branco encontra-se, geograficamente, em meio à Floresta Amazônica, onde correm, há milhares de anos, alguns dos maiores e mais belos rios do mundo, como Amazonas

e Tocantins, que, juntos, formam duas das bacias hidrográficas de maior biodiversidade do planeta. Assim, muitas das espécies de peixes denominados amazônicos também são encontradas em Roraima.

Pequenos ou grandes, os peixes podem ser encontrados nos rios amazônicos, com suas praias, restingas, igarapés, matas inundadas (igapós), lagos de várzeas e matupás. O potencial dos rios do Estado de Roraima é enorme e a pesca amadora pode ser melhor explorada, sobretudo na área do baixo rio Branco. São lagos, igarapés, furos e igapós, onde estão peixes que dão uma boa briga quando fisgados.

Aruaná

Peixe de escamas; corpo muito alongado e comprimido; boca enorme, língua óssea e áspera, como a do pirarucu; barbilhões na ponta do queixo; escamas grandes; coloração branca, mas as escamas ficam avermelhadas na época da desova. Alcança cerca de 1 m de comprimento e mais de 2,5 quilos. Vive na beira dos lagos, ao longo dos igapós ou dos capins aquáticos, sempre à espreita de insetos (principalmente besouros) e aranhas que caem na água. Nadá logo abaixo da superfície com os barbilhões projetados para frente. Em águas pouco oxigenadas, os barbilhões podem ser utilizados para conseguir oxigênio na superfície da água. O aspecto mais característico do comportamento alimentar do aruanã é a habilidade de saltar fora d'água e apanhar as presas ainda nos troncos, galhos e cipós. Uma espécie adulta pode saltar mais de 1 m fora d'água. Alcança alto valor comercial como peixe ornamental.

ICTIOFAUNA DE RORAIMA



Espécies da Bacia Amazônica



ARUANÃ

Osteoglossum bicirrhosum



BICUCA

Boulengerella spp.



MATRINXÁ

Bricon spp.



PACU

Mylleus spp.



PIRAÍBA

Brachyplatystoma filamentosum

Outras espécies locais importantes:

Acari-bodó (*Hypostomus sp.*)
Aracu-caneta (*Laemolyta sp.*)
Aracu-cabeça-gorda (*Leporinus spp.*)
Aracu-comum (*Schizodon sp.*)
Caparari (*Pseudoplatystoma tigrinum*)
Cará-bandeira (*Pterophyllum scalare*)
Cará-tinga, cará comum, acará (*Geophagus spp.*)
Cascudo (*Loricaria sp.*)
Curimatã (*Prochilodus sp.*)
Dourado (*Brachyplatystoma rouseauxii*)



Rio Branco



PIRANHA CAJU
Pygocentrus nattereri.



PIRARUCU
Arapaima gigas



SURUBIM
Pseudoplatystoma fasciatum



TRAIRA
Hoplias malabaricus



TUCUNARÉ-AÇU
Cichla spp.

Outras espécies locais importantes:

- Jacundá (*Crenicichla sp.*)
- Mandubé (*Ageneiosus brevilis*)
- Pacu (*Mylossoma spp*)
- Pescada branca (*Plagioscion squamosissimus*)
- Pescada amarela (*Pachyurus sp*)
- Piranambu, barba-chata (*Pinitirampus pirinampu*)
- Pirandirá (*Hydrolycus spp.*)
- Poraquê, peixe-elétrico (*Electrophorus electricus*)
- Sardinha (*Triportheus spp*)

Curimatá

Também conhecido como curimbatá, essa espécie apresenta coloração prateada e atinge até 80 cm de comprimento, chegando a pesar até 6 kg. É conhecido vulgarmente pelos ribeirinhos como “papa terra”, pois se alimenta de matéria orgânica e microorganismos no fundo de lago e margens de rios. Realizam grandes migrações reprodutivas. Normalmente são capturadas em grandes cardumes, sendo espécies importantes comercialmente, inclusive para as populações de baixa renda.

Pirapitinga

Peixe de escamas, com o corpo romboidal, pode atingir até 80 cm de comprimento e 20 kg de peso. Sua carne é muito apreciada por pescadores. Ele é herbívoro, mas também frugívoro, pois gosta de se alimentar nas matas inundadas durante as cheias, onde tem predileção por fruta e sementes silvestres.

Jaú

Esse peixe gosta de locais e poços, nas áreas próximas de cachoeiras. Espécie piscívora, costuma se alimentar de outras espécies menores, incluindo curimbatás. O jaú pode alcançar até 1,60 m de comprimento e pesar mais de 80 kg. O corpo é grosso e curto: a cabeça, grande e achatada.

Jaraqui

Peixe da mesma família do curimbatá, o jaraqui (*Semaprochilodus spp.*) é muito apreciado em Roraima. Abundante durante o ano todo e de baixo preço, é consumido pela população ribeirinha.

Piranhas

Peixe de escamas; corpo rombóide e um pouco comprimido; mandíbula saliente e dentes afiados. A coloração é uniforme, variando do cinza ao preto nos adultos; os jovens são mais claros com manchas escuras. Alcança 40 cm de comprimento. A piranha-preta (*Serrasalmus rhombeus*) habita rios de águas claras e pretas e é solitária. Espécie carnívora, alimenta-se de peixes e invertebrados. Já a piranha-vermelha (*Pygocentrus nattereri*), ou piranha-caju, é um peixe de escamas; focinho curto, arredondado, mandíbula saliente e dentes afiados. Entre todas as piranhas é a que possui o focinho mais rombudo. A coloração é cinza no dorso e avermelhada no ventre e na região inferior da cabeça; as nadadeiras peitorais, ventral e anal são alaranjadas. Alcança 30 cm de comprimento. A piranha-vermelha é muito comum. Vive em lagos e lagoas de águas barrentas e vive em cardumes pequenos ou grandes. É uma espécie piscívora e seus grandes cardumes podem ser perigosos em determinadas situações.

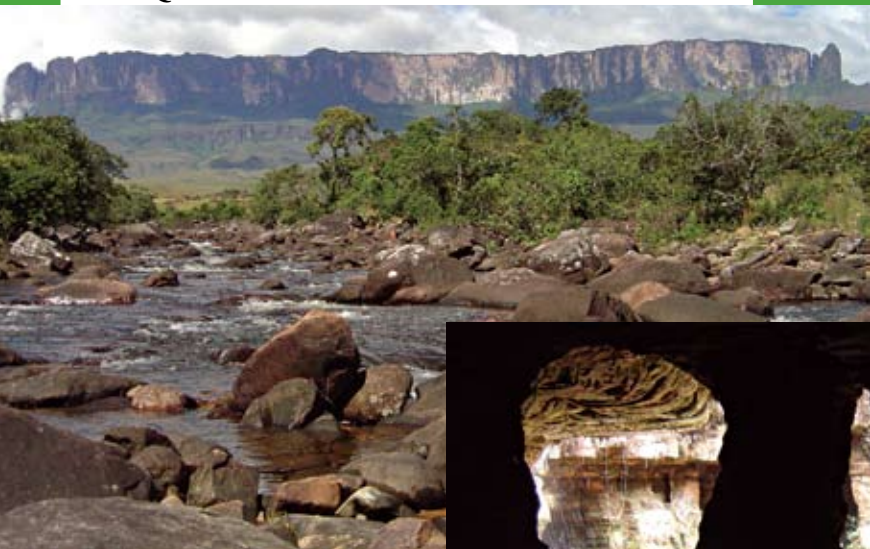
Pirarucu

Opirarucu, ou arapaima (*Arapaima gigas*), é capaz de comer qualquer coisa. Peixes, caramujos, tartarugas, cobras, gafanhotos, plantas, seixos, areia, lodo. Habitat, sobretudo, os grandes lagos do Amazonas, sendo mais frequentemente encontrados nos rios na época de enchentes. É o maior peixe de escamas de água doce, mede 4,5 m e pesa até 220 kg, um dos maiores do mundo. Possui respiração acessória, utilizando-se do oxigênio dissolvido na água, mas principalmente do ar, e, por isso, sobe frequentemente à superfície. Deste hábito se vale o pescador para capturá-lo, utilizando arpão ou flecha. Formam casais na época da reprodução; a fêmea deposita os ovos no fundo dos lagos ou no leito dos rios de águas remansosas, em covas rasas que cava na areia. Após a desova, os filhotes recebem cuidados do casal, permanecem nadando próximo às suas cabeças e se alimentando do muco que é secretado pelo corpo dos pais. Devido a sua excelente carne, o pirarucu é considerado o “bacalhau brasileiro”. Além da carne, também suas escamas, língua e couro são aproveitados, principalmente para confecção de artesanato. Seu nome vulgar deriva de pira (peixe) e urucu (fruto cuja semente dá tinta vermelha). Sua desenvolvida e curiosa língua desmente o ditado popular de que “língua não tem osso”.

Tucunaré

Também chamado de: tucunaré-açu, tucunaré-paca, tucunaré-pinima, tucunaré-pitanga, tucunaré-vermelho. Peixe de escamas; corpo alongado e um pouco comprimido. Existem pelo menos 14 espécies de tucunaré na Amazônia, sendo cinco espécies descritas: *Cichla ocellaris*, *C. temensis*, *C. monoculus*, *C. orinocensis* e *C. intermedia*. O tamanho (exemplares adultos podem medir 30 cm ou mais de 1 m), o colorido (pode ser amarelado, esverdeado, avermelhado, azulado, quase preto etc.), a forma e o número de manchas (podem ser grandes, pretas e verticais, ou pintas brancas distribuídas regularmente pelo corpo e nadadeiras etc.), variam bastante de acordo com a espécie. Todos os tucunarés apresentam uma mancha redonda (ocelo) na nadadeira caudal. São espécies sedentárias que vivem em lagos, mas entram na mata inundada e nos rios. Formam casais e se reproduzem em locais onde constroem ninhos. Têm hábitos diurnos. Alimentam-se, principalmente, de pequenos peixes e camarões. São os únicos peixes da Amazônia que perseguem a presa; após iniciar o ataque, não desistem até conseguir capturá-las, o que os torna um peixe muito esportivo. Todas as espécies de tucunaré são importantes comercialmente mas também são procuradas para a pesca amadora.

PARQUE NACIONAL DO MONTE RORAIMA



O Parque Nacional do Monte Roraima não está aberto à visitação, que é reservada à pesquisa científica. No lado brasileiro do maciço rochoso, a mata densa bordejia a face sul das encostas abruptas do Monte Roraima. No entanto, a maior aventura dessa região isolada do Brasil é chegar ao topo de um alto tepui, considerado sagrado pelos índios Pemón e Ingarikó, por ser morada do deus Macunaima.

A visita a essa terra de deuses é bastante difícil. O acesso ao monte é possível apenas pelo lado venezuelano das escarpas, cujo ponto de partida é a aldeia Paray-Tepui, pois os Pemons (etnia Taurepang) são os índios que melhor conhecem a região. A caminhada tem a duração mínima de cinco dias. É obrigatório o acompanhamento de guias, seguindo as regras do turismo do país fronteiriço.

No platô há uma vasta mesa de arenito, com aproximadamente 40 km², coberta de montes de até 30 m que se elevam em todas as partes, além de fendas e abismos criados

Geologicamente, estima-se que a região tenha se erguido há mais de 2 bilhões de anos, quando sequecer os continentes haviam se separado e adquirido a forma que possuem atualmente. Um dos pontos culminantes do Brasil, com 2.734 m de altitude, o Monte Roraima desperta o interesse dos aventureiros por apresentar um grande desafio: escalar os altos paredões e chegar ao topo dessa rocha localizada na fronteira com a Venezuela.

pela ação contínua dos ventos (que chegam a 100 km/h) e das chuvas. No topo, a paisagem parece transportar o visitante para outro mundo. Pedras escuras e retorcidas adquirem aspecto sobrenatural quando recebem a luz do sol. A elevada altitude propicia mudanças bruscas de temperatura, que pode variar de 25°C a menos de 5°C à noite.



PARQUE NACIONAL DO MONTE RORAIMA

INFORMAÇÕES GERAIS

PARQUE NACIONAL DO MONTE RORAIMA

Localização: Ao norte de Roraima, na fronteira com Venezuela e Guiana, entre as

coordenadas 5 05°00' e 05°16' e W 60°00' e 60°40'

Área: 116.000 ha

Perímetro: 300 km

Relevo: Aplainado, com bordas escarpadas

Clima: Tropical, quente, úmido, com média anual de temperatura entre 24°C e 26°C

Data de criação: 28 de junho de 1989

MAGIA E FASCÍNIO

“O tempo parece ter parado no alto de algumas montanhas do sudeste da Venezuela. Não são montanhas pontiagudas, verdejantes ou nevadas como as que estamos acostumados a contemplar. Nem fazem parte de cadeias com alturas monumentais como os Andes ou o Himalaia – as mais altas ali não superam os 3 mil m. Porém, não existem montanhas iguais em nenhum outro lugar do planeta. Nascidas num tempo remoto em que a vida na Terra nem sequer engatinhava, há quase uma centena delas entre as florestas e savanas venezuelanas, invadindo a Amazônia brasileira e a Guiana. Elas têm formas curiosas, cilíndricas, com paredões radicais cor de terra que sustentam imensos platôs”. Magno Souza, Roraima Adventure.

Fauna & Flora

altitudes elevadas, alcançando os 2.400 m. A maior parte da área do parque é coberta por formações do tipo alta-montana, com arbustos e vegetação rasteira, mas há também savanas. A região apresenta grande diversidade de fauna e flora.

FLORA

Toda a flora da região é extremamente rica, com mais de 400 espécies de bromélias e 2 mil espécies de flores e samambaias. O parque engloba uma área de vegetação densa, coberta por floresta montana, onde existem espécies endêmicas, como a *Pouteria surinamensis*, *Ocotea roraimae*, *Didymopanax* sp., *Manikara* sp., *Jacaratia* sp., *Qualea schomburgkiana*, entre outras. Uma peculiaridade florística do Monte Roraima é que, em torno dos 2.500 m, ocorrem os refúgios ecológicos. As plantas aí se entrelaçam, formando um emaranhado denso e de difícil penetração. As espécies mais comuns são as pertencentes às famílias das *Orchidaceae*, *Melastomataceae*, *Asteraceae* e *Rubiaceae*.

PAISAGEM

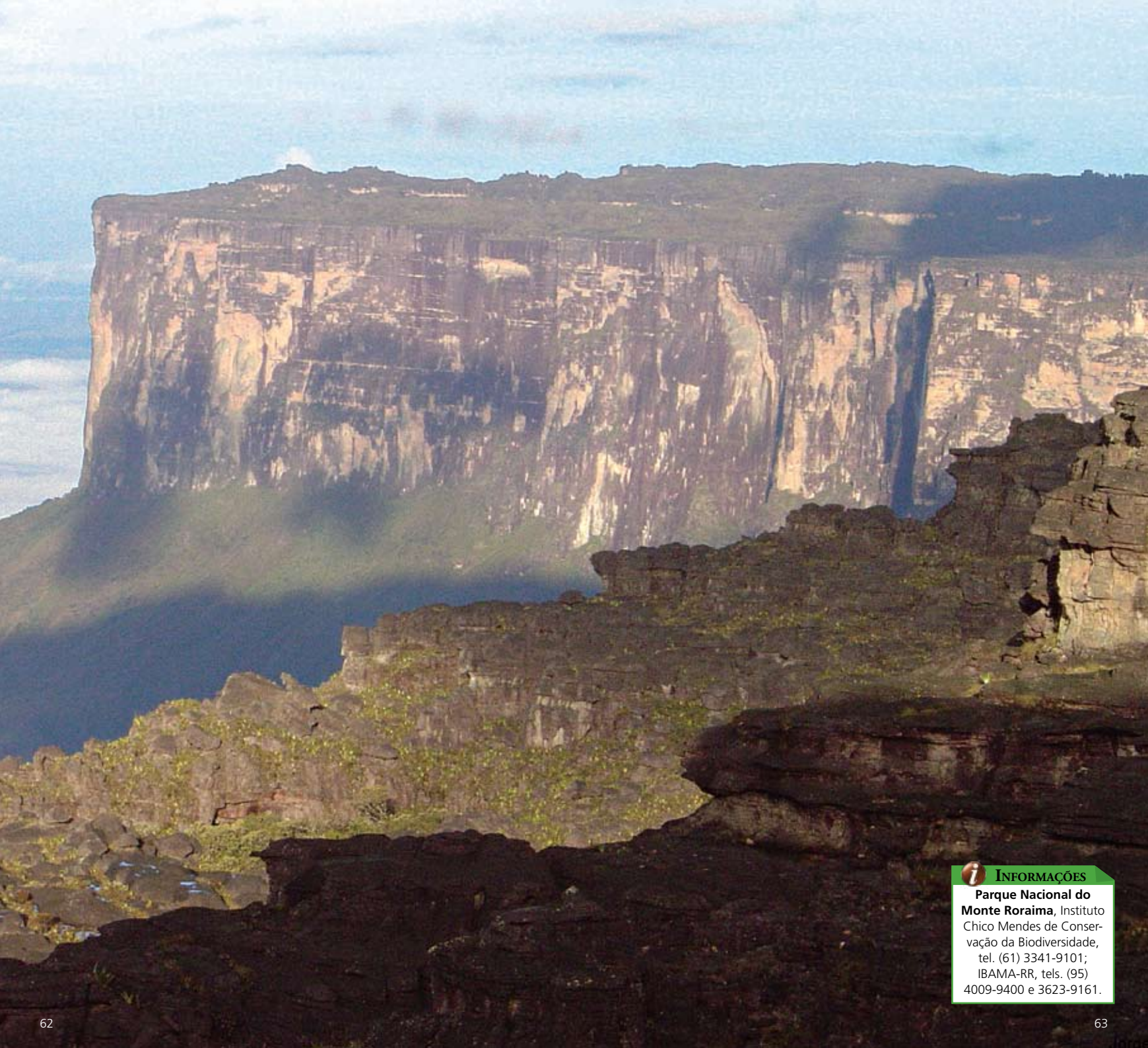
O Parque Nacional do Monte Roraima ocupa um pequeno trecho do maciço de Pacaraima, situado, em sua maior parte, na Venezuela e na Guiana. Abrange o Monte Roraima, um dos pontos culminantes do Brasil, com 2.734 m de altitude, e o Monte Caburai, com 1.465 m, onde fica o ponto mais setentrional do território nacional. O monte tem forma de mesa, de relevo aplainado e encostas escarpadas, que marca a tríplice fronteira entre o Brasil, Venezuela e Guiana. Está localizado próximo à serra do Sol, outro ponto de

LENDAS

Para saciar a fome, os deuses da floresta, liderados por Macunaima e seus irmãos, resolveram derrubar o Wasaká – a Árvore do Mundo –, que fazia pender de seus galhos todas as frutas boas que havia na mata. Do corte feito no tronco começou a jorrar água, que formou os rios e nascentes e libertou os peixes. Os ramos e os rios verteram para o norte, onde se concentra toda a riqueza das frutas e das águas férteis. O tronco derrubado do Wasaká transformou-se nos intrigantes tepuis, enormes platôs com pouco menos de 3 mil metros em forma de mesa, numa paisagem dominada pelo Monte Roraima. É assim que os índios da região das chamadas savanas amazônicas, na fronteira venezuelana, explicam a diversidade de ecossistemas desse território. Ali, durante o Governo de José Sarney, foi criado o Parque Nacional do Monte Roraima, cuja finalidade é preservar uma amostra da serra Pacaraima, também próxima às terras indígenas dos Ingarikó.

HISTÓRIA

O primeiro branco a visitar o Monte Roraima foi o inglês Walter Raleigh, que, no final do século 16, em busca de tesouros, cruzou a Floresta Amazônica na região da Guiana. Raleigh teria chegado apenas até a base da montanha, mas ainda assim coletou material suficiente para escrever a obra que denominaria *Montanha de cristal*, inspirada em lendas locais. Em 1884, outro inglês, o botânico Everard Thum, subiu ao topo e deixou relatórios detalhados sobre sua aventura, que inspiraram o escritor britânico Conan Doyle no romance *O mundo perdido*, publicado no início do século 20. Em 1991, três alpinistas brasileiros, após cinco dias e meio de caminhada, subiram pela primeira vez a face leste, no lado brasileiro, notadamente a rota mais difícil e perigosa para atingir o cume.



i INFORMAÇÕES

Parque Nacional do Monte Roraima, Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade, tel. (61) 3341-9101; IBAMA-RR, tels. (95) 4009-9400 e 3623-9161.

PARQUE NACIONAL SERRA DA MOCIDADE

O Parque Nacional Serra da Mocidade foi criado por força de acordo internacional assinado na Rio 92 – Convenção sobre a Diversidade Biológica, que prevê a destinação de 10% dos ecossistemas existentes para Unidades de Conservação. Este parque compreende uma das regiões de maior diversidade biológica da Amazônia, por ser uma zona de transição entre dois biomas distintos, Amazônia e Cerrado, formada por terrenos sazonalmente alagáveis da bacia do rio Branco e trechos de terra firme sobre rochas pré-cambrianas. A beleza cênica da serra deu nome ao parque, que ocupa área contígua a uma reserva de índios Yanomami. Seus 350.960 hectares de florestas foram doados ao Ibama pelo Ministério do Exército. A unidade

localiza-se no município de Caracaraí, e é acessível apenas por pequenos barcos ou helicóptero.

O clima no parque é constantemente úmido, mas pode, no entanto, apresentar pequena estação seca. As maiores chuvas ocorrem no outono, mas tanto as temperaturas como os índices pluviométricos sofrem pequena variação ao longo do ano, mantendo-se, geralmente, elevados.

O relevo apresenta superfícies planas, áreas de acumulação inundáveis e inselbergs, ou morros-testemunhos, isto é, partes duras das rochas que não sofreram, ao longo de milhões de anos, ação de agentes atmosféricos e biológicos que provocam a destruição física e a decomposição química dos minerais das rochas. Essas superfícies planas situam-

se sobre litologias pré-cambrianas e cenozóicas, e as áreas de acumulação inundáveis são áreas aplainadas com cobertura arenosa, periódica ou permanentemente alagadas, com drenagem fechada ou precariamente incorporada à rede fluvial.

Situado na bacia do rio Branco, um dos principais cursos d'água do Estado de Roraima, esse Parque Nacional faz divisa com o território tradicional dos índios Yanomami, o que lhe confere posição estratégica dentro do mosaico de áreas protegidas da região amazônica.

O Parque Nacional da Serra da Mocidade não está aberto à visitação. Por se situar em um ecossistema de rara beleza, a unidade de conservação oferece grande potencial para o turismo ecológico. No entanto, essa e outras atividades devem ser implementadas a partir da elaboração do Plano de Manejo da unidade, a partir dos resultados dos estudos e levantamentos preliminares que vêm sendo realizados, levando em conta a proximidade do parque com as terras dos índios Yanomami.

INFORMAÇÕES GERAIS

PARQUE NACIONAL SERRA DA MOCIDADE

Localização: Município de Caracaraí, na região central de Roraima

Área: 350.960 ha

Perímetro: 444 km

Relevo: Planície, com áreas inundáveis

Clima: Tropical, quente e úmido, com

média anual de temperatura entre 25°C e 32°C

Data de criação: 29 de abril de 1998



Fauna & Flora

PAISAGEM

A região é marcada por uma paisagem de relevos isolados, com superfície ligeiramente inclinada e, às vezes, rochosa. Apresenta terrenos alagáveis na estação das chuvas e também outros permanentemente alagados, nas veredas às margens dos cursos d'água.

FAUNA E FLORA

Estudos recentes reconheceram 18 zonas de vegetação diferentes em Roraima, número superior ao encontrado nos Estados do Pará (16) e do Amazonas (17). Essa diversidade representa, no mínimo, uma inestimável riqueza biológica, devendo a região abrigar a maior parte das espécies freqüentes na Floresta Amazônica. São encontrados no parque cinco tipos de vegetação: campinarama (campina em que, pela melhor qualidade de terreno, há maior número de árvores) gramíneo-lenhosa, campinarana florestada, floresta

ombrófila (que atrai chuvas e tempestades) aberta submontana e floresta ombrófila densa submontana. Há ainda zonas de mosaico entre um e outro tipo de vegetação. Quanto à fauna, ainda é pouco conhecida, e muitos estudos serão necessários para se chegar a um inventário completo de seus componentes. Com vasto território, o parque é um hábitat ideal para felinos, como a onça-pintada e a suçuarana. Essa região abriga também aves migratórias, provenientes do hemisfério norte, além de muitas outras típicas da Floresta Tropical, como o gavião-real, o gavião-preto e a choca-de-roraima.

HISTÓRIA

O Parque Nacional Serra da Mocidade foi criado na mesma data de seu vizinho, o Parque Nacional do Viruá. Ambos resultam do mesmo esforço de conservação, que visa proteger os riquíssimos biomas das paisagens amazônicas. Os dois parques representam a complementação de um conjunto de unidades de conservação que estão sob a administração do ICMBio (Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade), formada pelas estações ecológicas de Caracará e Niquiá, além da Floresta Nacional do Anauá. Essa ampliação da Área de Proteção Ambiental garante a integridade de uma maior diversidade de paisagens em Roraima. A situação fundiária desse parque está legalizada, não apresentando problemas de assentamento, uma vez que, por sua posição geográfica estratégica e fronteiriça, estava integralmente sob o domínio do Ministério do Exército. Em sua porção noroeste, o parque é limitado por uma área ocupada pelos índios Yanomami.

Essa população nativa, que é nômade, utiliza parte das terras conservadas como corredores para suas perambulações, oferecendo mais um bom motivo para que se mantenha a área sob estrita proteção.



COMO CHEGAR A partir de Boa Vista, seguir pela BR-174 (asfaltada) até Caracará. Depois, são dois dias navegando pelos rios Branco e Água Boa do Univini.

CIDADES DE APOIO Boa Vista e Caracará, a última com hotéis e restaurantes simples.

INFRA-ESTRUTURA Não tem.

O QUE VER Fechado a visitação ao público, o Parque Nacional situa-se numa região de transição e, por esse motivo, abriga a maior área de biodiversidade da Amazônia, com 18 zonas diferentes de vegetação. Esse número chega a ser superior ao dos Estados do Pará e do Amazonas, de extensão territorial muitas vezes maior. Na fauna, embora ainda pouco conhecida, provavelmente se encontrem espécies ameaçadas de extinção, como ariranhas, onças-pintadas, suçuaranas, gaviões-reais, gaviões-pretos e chocas-de-roraima. A área também é um importante ponto de pouso e descanso para diversas aves migratórias que sazonalmente se deslocam para a América do Sul. Sua porção noroeste é limitada por uma área habitada pelos Yanomami.





i INFORMAÇÕES

Parque Nacional Serra da Mocidade, Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade, tel. (61) 3341-9101; IBAMA-RR, tels. (95) 4009-9400 e 3623-9161.

PARQUE NACIONAL DO VIRUÁ

Situado no centro do Estado de Roraima, o Parque Nacional do Viruá é um santuário para aves e animais, que demarcam seu território na planície inundável, cercada pela densa Floresta Amazônica. Como o vizinho, o Parque Nacional Serra da Mocidade, foi criado por força da convenção internacional Rio 92, que prevê a destinação de 10% dos biomas para Unidades de Conservação. Como já havia articulação política e social para a criação da unidade, a área foi transferida formalmente ao Ibama pelo Inkra – Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária, devido à inaptidão do solo da região para a implantação de projeto de assentamento rural. O parque recebeu o nome do igarapé cuja nascente localiza-se dentro dos limites estabelecidos para a sua implantação.

HISTÓRIA

O Parque Nacional do Viruá é vizinho das estações ecológicas de Caracarái, Niquiá e da Floresta Nacional do Anauá.

Seu processo de criação tomou impulso na época da implantação dessas estações, na década de 1980, pela extinta Secretaria Especial do Meio Ambiente (Sema).

A instituição requisitou essa porção de terra que, até então, estava sob o controle do Inkra (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária), para a criação de uma outra estação ecológica. O Inkra, por sua vez, mostrou-se favorável ao repasse das terras, pois levantamentos realizados no local revelaram falta de aptidão para atividades agrícolas ou pecuárias. Com a extinção da Sema e o surgimento do Ibama, o processo de efetivação do parque ficou paralisado por quase uma década e só foram retomados no final de 1997, com a sua criação no ano seguinte.

INFORMAÇÕES GERAIS

PARQUE NACIONAL DO VIRUÁ

Localização: Município de Caracarái, na região central de Roraima

Área: 215.918 ha

Perímetro: 189 km

Relevo: Planície com lagoas e áreas inundáveis ao longo dos rios Branco e Anauá

Clima: Tropical, quente úmido, com média anual de temperatura entre 28°C e 38°C

Fauna & Flora

Com acesso relativamente fácil, por duas rodovias de importância estratégica, a BR-174 e a BR-210, e também por sua proximidade da cidade de Caracará, o Parque Nacional do Viruá representa uma nova opção para o ecoturismo nessas paragens. Com o planejamento voltado ao desenvolvimento sustentável, o parque trará futuramente ainda mais oportunidades para aliar lazer e recreação com conservação ambiental. Por enquanto, essas fronteiras que resguardam parte importante da Floresta Amazônica ainda não estão abertas à visitação. Entretanto, nas proximidades do parque o turista encontra muitas opções de passeios pelos rios, igarapés e igapós, tendo o privilégio de observar, in loco, paisagens quase intocadas.

PAISAGEM

O parque situa-se à margem esquerda do rio Branco, numa vasta planície inundável que propicia a formação de grande quantidade de lagoas, na zona conhecida como Fronteira Guiana-Brasil, considerada prioritária na implantação de unidades de conservação na região amazônica. Exibe diversos ambientes, como campos, cerrados, florestas densas e abertas, além de serras isoladas ao norte, onde existem alguns morros residuais de baixa altitude.

FAUNA E FLORA

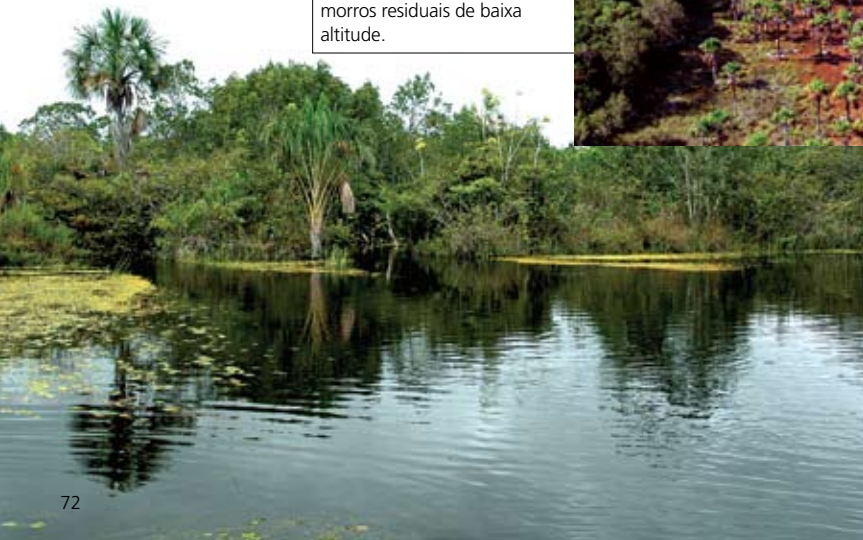
No território do Parque Nacional do Viruá há uma grande diversidade de espécies, a maioria catalogada. As aves migratórias de grande porte estão entre as mais ameaçadas, caso da águia-pescadora e do tuiuíú – este proveniente do Pantanal mato-grossense –, além de outras relacionadas aos ambientes alagados, como a garça-branca, o socó-boi e a jaçanã. Nos limites do parque ainda são encontrados felinos, como a onça-pintada e a suçuarana, além de outros mamíferos de grande porte, como a anta, que se debatem com a constante perda de hábitat em muitas regiões do Brasil.

COMO CHEGAR A partir de Boa Vista, pegar a BR-174 (asfaltada) até Caracará, nos limites do parque. Acesso fluvial pelos rios Branco e Anauá.

CIDADE DE APOIO Boa Vista e Caracará, 50 km ao sul, sentido Manaus.

INFRA-ESTRUTURA Destinada apenas a pesquisadores.

O QUE VER Criado recentemente e vizinho ao Parque Nacional da Serra da Mocidade, o Parque Nacional do Viruá apresenta alta heterogeneidade ambiental, com presença de campos, cerrados, florestas densas e abertas. Preserva diversos grupos endêmicos de flora, além de uma fauna variada, representada, entre outras espécies, por antas, suçuaranas, onças-pintadas, garças-brancas, jaçanãs e socós-bois. Também é ponto de parada de aves migratórias, como os tuiuíús (localmente chamados de passarão) e as águias-pescadoras.





i INFORMAÇÕES

Parque Nacional do Viruá, Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade, tel. (61) 3341-9101; IBAMA-RR, tels. (95) 4009-9400 e 3623-9161.